

Revisão da literatura sobre intercâmbio cultural estudantil: renovação das práticas turísticas

Talita Segato Tamião.

Mestranda em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi – UAM/SP¹.

Resumo

Este artigo apresenta parte da pesquisa em andamento, de caráter exploratório, que busca a contextualização teórica sobre o intercâmbio estudantil cultural para fundamentar uma pesquisa empírica futura. Mediante consulta a bases eletrônicas de dados, e de acervo de bibliotecas especializadas no Brasil, foram identificados artigos de periódicos, livros, trabalhos publicados em anais de eventos e outras publicações, pertinentes ao tema. A partir da contextualização teórica desenvolvida, buscar-se-á uma sistematização do referencial teórico fundamental para futura pesquisa empírica.

Palavras-chave: Hospitalidade; Turismo; Intercâmbio Estudantil; Cultura.

Introdução

Nesta última década do século XXI, o intercâmbio estudantil tem-se mostrado como um fenômeno em crescimento. Nos dias atuais, por exemplo, ele pode ser apreciado como um fenômeno turístico, pois se o sonho dos jovens, nas últimas décadas do século XX, era de visitar a Disney, este mesmo sonho agora passa ser a realização de um intercâmbio estudantil cultural em outro país, podendo além de visitar outra localidade ter acesso e vivência daquela cultura e povo.

Apesar de ser uma prática muito antiga, o relacionamento entre povos tem se tornado cada vez mais dinâmico e a busca por essas viagens, na atualidade, normalmente são feitas pelo conhecimento e aprimoramento de um novo idioma e também pela troca entre as culturas.

Para Sebben, “a idéia central dos intercâmbios não poderia ser puramente de estudos, mas, mais do que isso, de mudança de si mesmo”. (2007, p.34).

Ainda sobre essas trocas culturais, Falteri expõe que:

(...) o “interculturalismo” teve uma rápida difusão, porque propõe uma dimensão dinâmica de contato, interação, troca, na qual a diversidade conta como interlocutor ativo. O termo “intercultura”, usado pelo Conselho Europeu desde o início dos anos 80 e por isso adotado na linguagem dos documentos ministeriais quando se decidiu enfrentar a questão da inserção dos estrangeiros nas escolas, foi adotado como horizonte unificador também pelas “educações” que de diferentes maneiras centram-se no valor da convivência. (1998, p.37)

Desta forma, o objetivo geral desse artigo é identificar a bibliografia de referência, já recolhida, relacionada ao intercâmbio cultural. As experiências culturais acumulada por estes intercâmbistas, será objeto de pesquisa futura a ser realizada pelo uso de pesquisa de base qualitativa. Esta análise além de facilitar as possíveis discussões sobre os aspectos positivos e negativos que os intercâmbistas levam na bagagem com a realização desta forma de troca cultural, também irá processar, novas indagações pertinentes ao tema em estudo.

Neste artigo que é apresentado parte da pesquisa de caráter exploratório, em andamento, foi organizado mediante consulta a bases eletrônicas de dados, e de acervo de bibliotecas especializadas no Brasil, nos quais foram identificados artigos de

periódicos, livros, trabalhos publicados em anais de eventos e outras publicações, pertinentes ao tema. A partir da contextualização teórica desenvolvida, associado à futura interpretação de material de pesquisa a ser recolhido com praticantes do intercâmbio estudantil, conforme já comentado. Buscar-se-á uma sistematização do referencial teórico fundamental para futura pesquisa empírica. As hipóteses trabalhadas enfocam, se o intercâmbio reflete apenas em uma atividade pedagógica como descreve (Mota, 2009), ou se o intercâmbio também reflete uma necessidade de diferenciação curricular do praticante, na criação de um diferencial para o futuro mercado de trabalho.

Os textos selecionados, até o momento, são descritos e analisados em dois tópicos. O primeiro sistematiza um pouco da história do intercâmbismo e o segundo apresenta as definições teóricas iniciais já analisadas. Apresenta-se, ao final, além dos contextos já apontados, a proposta de se analisar o intercâmbio por meio de uma imersão na realidade local, ou seja, procura associar o sentido da prática do intercâmbio e seus desdobramentos, a vida daqueles que o praticaram.

Um pouco da história

As viagens tiveram início com o fenômeno das migrações humanas, desde o começo da história do homem, com o nomadismo, que constituiu-se na situação na qual os homens não possuíam habitação fixa, pois mudavam de lugar em busca de alimentação.

Ainda antes de Cristo, na República Romana, os jovens da nobreza local, já viajavam para a Grécia para aprofundar seus estudos, sendo as cidades mais procuradas Atenas, Rodes e Pérgamo, locais nos quais poderiam aprofundar seus conhecimentos em Filosofia e artes.

Para Sebben, ainda sob o domínio do Império, “muitos professores gregos foram importados para que fundassem em Roma suas próprias escolas e instituições. Esses gregos também fizeram intercâmbio”. (2007, p. 28)

Com a queda do Império, houve a ascensão de novos centros de propagação da cultura, Sebben analisa esse cenário afirmando que: “neste momento entra o Cristianismo, influenciando a educação com a propagação da palavra de Deus e a fundação de seminários, monastérios e educandários”. (2007, p. 28)

O início das migrações e internacionalização do ensino, segundo Kafler (2007, p.8), inicia-se, já na Idade Média, com a criação das Universidades Europeias. Sobre este momento a autora, expõe que:

As “*universitas*” eram compostas por professores de diferentes regiões e países, que formavam comunidades internacionais. Os estudantes e professores viajavam em busca do conhecimento e de aventuras, visitando diversas universidades em Oxford, Bologna, Paris e outras regiões, realizando cerimônias de colação de grau em todos estes lugares por onde passavam. (KAFLER, 2007.p.8).

Segundo Fleuri (1998) a Educação Intercultural nasceu na Europa, no Pós Guerra, um documento da Unesco, a “Declaração sobre raça e sobre preconceitos raciais”, de 1978, foi o primeiro texto a propor conceitos sobre a educação intercultural.

Ainda sobre estas viagens para estudos no pós-guerra Sebben, coloca que:

(...) em 1949 uma associação de jovens alemães, residentes em Berlim, criou um grupo que viajaria pelo mundo em busca de convivência pacífica” segundo a autora ainda eles acreditavam que, viajar após a guerra desenvolvendo trabalhos voluntários poderiam melhor a imagem dos alemães”. (2001, p.15).

Desta forma, as viagens tinham além do objetivo de conhecer novas culturas e estudos, passou também por motivos sociais e políticos, como o exemplo do caso dos alemães, no cenário do pós Segunda Grande Guerra.

Definições Teóricas Iniciais

Dentro dessa proposta de acolhimento e hospitalidade, que podem ser associadas ao intercâmbio, Camargo expõe que:

a hospitalidade pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat natural.” (2004, p. 6)

Para que esse intercâmbio cultural seja efetivo, é necessário que o estudante sinta-se “em casa” no sentido de vivenciar os aspectos da cultura e do dia a dia local, tornando-se, assim, parte do meio em que vive.

Sobre esse estado de se “sentir em casa”, Matheus coloca que:

A cidade sempre foi um lugar de liberdade, comunicação, criatividade e progresso. Para que continuem a desempenhar esse papel, as cidades devem ser capazes de receber e integrar seus moradores, sejam eles temporários ou não, desenvolvendo sentimentos de identidade, orgulho e cidadania, garantindo assim o bem-estar social, apoiado na segurança, na integração social, no desenvolvimento do emprego e no acesso diversificado a bens culturais e econômicos. (IN: DIAS, 2002. p.57)

Esta integração com a cidade, é justamente o que se espera inicialmente de um intercâmbio, ou seja, o intercambista deve primeiramente viver como um residente daquele país.

Para Knight (1997, p.6) o termo globalização seria “o fluxo de tecnologia, economia, conhecimento, pessoas, valores e idéias através das fronteiras”, desta forma o contato entre pessoas do mundo inteiro ampliou-se, facilitando a acessibilidade a uma série de situações, em função, principalmente do grande desenvolvimento tecnológico vivenciado no mundo atual, por meio da era digital.

Complementando a posição de Miura sobre globalização, Fleuri acrescenta ainda que:

(...) a globalização, não é apenas um fenômeno econômico, mas também ocorre nas dimensões culturais e políticas, o desafio de novas relações interculturais, que vem se impondo gradativamente com mais força no cenário mundial. (1998, p.31)

Sobre esse novo modo de “convívio digital”, Silveira expõe que:

Globalização, percebe-se, entretanto, que vem desenvolvendo-se uma nova forma de relação humana, marcada, sobretudo, pelo individualismo, timidez e dependência. As pessoas estão deixando cada vez mais de sair de casa para se relacionar via internet. O intercâmbio “corporal” entre pessoas vem diminuindo aceleradamente. (2008, p.20)

Ainda sobre esse “convívio digital” é possível perceber quanto os países e as cidades parecem estar próximos uns dos outros, pois através de uma simples “click” na internet é possível ler sobre outros lugares e sua cultura. Relacionado a esta interpretação, Ramos (2003) coloca que:

Graças aos processos fulminantes da informação, o mundo fica mais perto de cada um, não importa onde esteja. O outro, isto é, o resto da humanidade, parece estar próximo. Cria-se para todos a certeza, logo depois, a consciência de ser mundo e de estar no mundo, mesmo se ainda não o alcançamos em plenitude material ou intelectual. O próprio mundo se instala nos lugares, sobre tudo nas grandes cidades pela presença maciça da humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro (...). (2003, p.27).

Nesse cenário onde as pessoas, desde a infância passam a se relacionar mais com uma “maquina”, por exemplo, o computador ou o vídeo *game*, no lugar de se relacionar com outras crianças, desenvolveu-se a necessidade de se criar meios de interação, porém, dessa vez, mais física e profunda.

O intercâmbio pode ser observado, desta maneira, como um modelo de ação que faz essa interação entre pessoas e cultura. Para Bartell (2003, p.12). Essa prática é conceituada como “trocas internacionais relacionadas à educação, e a globalização como uma avançada fase no processo que envolve a internacionalização”.

Para completar, Pecequillo (2004) esclarece que:

As Relações Internacionais, portanto, nascem de uma necessidade específica das sociedades em pensar as realidades externas que as afetam, passando a interferir no encaminhamento destes processos de forma a administra-los. Na prática, ainda que possam existir exceções, as sociedades estabelecem entre si trocas e contatos constantes da mais variada natureza e alcance, não existindo um pleno isolamento, o que leva a criação desta demanda pela compreensão do internacional. (2004, p.14)

Torna-se importante colocar que o intercâmbio não tem apenas o objetivo dos estudos, mas também o de conhecer e vivenciar a rotina de outro país. Sobre isto Sebben (2007, p.27), coloca que, “se você for estudar, trabalhar e viver uma vida rotineira em qualquer outro país do mundo, então, você está fazendo um intercâmbio”. O intercambista passa não apenas a ter contato com outro idioma, mas sim, e principalmente, com outra cultura diferente.

Eiras expõe essa relação entre cultura e intercâmbio da seguinte forma:

As relações educativas e sociais construídas e vivenciadas através de uma experiência de intercâmbio estudantil podem possibilitar ao aluno um contato e uma integração com a cultura do país visitado para além das experiências proporcionadas por viagens turísticas ou outras (...) o intercâmbio deve existir nas relações interpessoais estabelecidas entre os pares, e para as mesmas serem válidas ambas as partes devem contribuir de maneira significativa. (2008, p.39)

O intercâmbio estudantil ocorre principalmente pela vontade dos alunos, de aprimorar seus conhecimentos e sua atividade profissional, além de conhecer novas culturas¹ e pessoas. A realização do intercâmbio oferece uma diferenciação nos estudos,

¹ Para Raymond Williams “cultura é tudo que constitui a maneira de viver de uma sociedade específica” In: CEVASCO. Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 51.

o qual enriquece o currículo escolar, ajudando esses estudantes a ingressarem com maior facilidade no futuro mercado de trabalho.

Sobre essa troca de cultura Silveira (2008, p.23), entende que,

(...) a educação intercultural surgiu como uma proposta pedagógica que visa desenvolver relações cooperativas entre diferentes sujeitos e culturas, buscando preservar as identidades culturais, mas de forma não etnocêntrica, objetivando a troca e o enriquecimento recíproco.

Assim, como a própria palavra já diz, o intercambista passa aos outros, a sua cultura e o seu modo de ver o mundo, atividade que rebate a ele da mesma forma pelos nativos.

Las culturas cambian, no son algo estático, y se enriquecen con el cambio. Son el resultado de un proceso de adaptación ante nuevas situaciones. Mediante el contacto entre personas de diferentes culturas, vamos aprendiendo mutuamente elementos diversos. Es ese contacto donde definimos y construimos nuevas prácticas de acuerdo a las características y situaciones nuevas. (LARA, 2003, p.1)

Com a prática de viver em um país ou cidade que não seja a sua habitual, o estudante aprende a conviver com a diversidade das culturas e principalmente a respeitar essa diferença, como expõe Gacel (Apud: KAFLER, 2007.p.13): “A internacionalização promove o reconhecimento, o respeito pelas diferenças e pela identidade cultural”.

Ainda sobre esse enriquecimento pessoal que o intercambista passa a desenvolver, novamente Silveira afirma que:

(...) considerando que os intercâmbios culturais provocam mudanças nos intercambistas no sentido e de crescimento e desenvolvimento humano, pode-se dizer também que, além de estarem relacionados a uma educação intercultural, os intercâmbios contribuem para uma educação em valores. (2008, p. 20)

Em uma cultura diferente da sua, o intercambista passa a perceber essas diferenças e refletir a sobre a sua própria identidade cultural. Sobre identidade Cultural, Stuart Hall (2005) coloca que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. (2005.p.13)

No convívio com outra cultura, o intercambista passa a perceber e analisar como ele, um estudante, é recebido em outro país.

Entretanto, pode-se perceber que há toda uma dimensão acadêmica de discussão sobre a hospitalidade.

A hospitalidade é um tema que sempre faz parte da vida das pessoas. Todo mundo já ouviu pelo menos uma vez que “certa pessoa é hospitaleira”, ou então de que “foi recebido de maneira hospitaleira”, de que “as pessoas de certa cidade são hospitaleiras” entre outros diversos exemplos que poderiam ser dados para ilustrar isso. (BARBOSA, 2007. p.46)

Para Lashley (2004. p.2), hospitalidade “é o conjunto de atividades do setor de serviços associados à oferta de alimentos, bebidas e acomodação”.

No entanto, para esse estudo, acompanha-se a visão de hospitalidade de Camargo (2004, 45) que a entende, “como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat”.

Os autores, citados ajudam a mostrar a relevância da hospitalidade no ato do intercâmbio.

Sobretudo, Dencker (2004 p.29.) que expõe o termo hospitalidade “como o atributo ou característica que permite aos indivíduos de famílias e lugares diferentes se relacionar socialmente, se alojar a prestar serviços reciprocamente”.

Essa reciprocidade é um dos objetivos do intercâmbio, é a troca da vivência, que é justamente o que Camargo (2004, p.16), coloca, ou seja, que a hospitalidade “começa com uma dádiva que implica um novo receber e retribuir, gerando dons e contra dons, num processo sem fim”.

Porém nem sempre essa troca é recíproca, já que alguns estudantes percebem dificuldades em se estabelecer em outros países, como ato de exclusão. Sobre esse assunto Matheus argumenta que:

A hospitalidade representa, eminentemente, o sustentáculo do laço social, pois ela tem como princípio fundamental atar o indivíduo a um coletivo, contrapondo-se inteiramente ao ato de exclusão. A qualidade de vida insere e reconstitui o tecido social, em uma sociedade de “justos” cada um trabalha para incluir os outros. (2002, p. 66).

Para Selwyn, (In: LASHLEY, 2004. p.5) “A função básica da hospitalidade é estabelecer um relacionamento ou promover um relacionamento já estabelecido” dessa forma o intercambista é recebido e “deve”, depois, receber outros estudantes para dar continuidade no relacionamento.

Porém com o desenvolvimento do mercado de intercâmbio, existem inúmeras facilidades para o estudante conforme coloca Guerra:

Nas últimas décadas, as propostas de vivência no exterior vêm em forma de pacotes prontos que incluem ofertas de empregos, famílias hospedeiras (nem sempre acolhedoras), acomodação em albergues, cursos de idiomas, cursos profissionalizantes, estágios ou ainda a junção de algumas opções, como por exemplo, estudo e trabalho no mesmo programa. O mercado de intercâmbios conquistou seu espaço e atua hoje na maior parte das escolas de idiomas, bem como escolas regulares e universidades. (2007, P.23)

Para oferecer ainda mais facilidades existe hoje no Brasil uma associação, BELTA - *Brazilian Educational & Language Travel Association*, que reúne as principais empresas brasileiras voltadas ao segmento de intercâmbio, na área de cursos, estágios, trabalhos e intercâmbio no exterior. Fundada em junho de 1992, segundo o seu *site* oficial, as empresas parceiras representam mais de 90% do mercado nacional. Com o crescimento de associadas nota-se a expressão significativa também do mercado do intercâmbio.

Conclusões parciais

Com a globalização e a popularização do uso da tecnologia e internet, que facilita o contato entre as pessoas, porém não físico, percebe-se a necessidade de criar meios de interação social, o intercâmbio hoje, é um dos possíveis mecanismos que faz essa interação entre pessoas e cultura.

Com a prática de viver em um país ou cidade que não seja a sua habitual, o estudante aprende a conviver com a diversidade das culturas e principalmente a respeitar essa diferença. Nessa necessidade de interação, nota-se hoje no mercado de consumo de bens e produtos turísticos, que o intercâmbio estudantil cultural vem crescendo gradativamente passando a ser o sonho de muitos jovens e adolescentes. Ao observar esse crescimento é possível verificar o aprimoramento e expansão desse mercado, com empresas especializadas para cada tipo de “cliente”, ou seja, o estudante.

O intercâmbio estudantil ocorre principalmente pela vontade dos alunos de aprimorar seus conhecimentos e sua atividade profissional, além de conhecer novas culturas e pessoas.

A realização do intercâmbio oferece uma diferenciação nos estudos, o qual se enriquece o currículo escolar, ajudando os estudantes que participam do programa de intercâmbio a ingressarem, com maior facilidade, no futuro mercado de trabalho.

Torna-se importante salientar que o intercâmbio não tem apenas o objetivo dos estudos, mas também de conhecer e vivenciar a rotina de outro país.

O intercâmbio sugere, também, uma mudança interior, que reflete no indivíduo que o realiza, a percepção de realidades locais próprias que interferem diretamente na noção de mundo a ser desenvolvida posteriormente ao primeiro contato.

Porém para que o intercâmbio de cultura seja efetivo, é importante que o estudante vivencie a cultura da cidade que o acolhe, de forma a se “sentir parte” do local em que vive.

Para que isso ocorra o intercambista deve viver cada dia como e fosse daquele país, se aprofundando em sua cultura, como visitas para conhecer a cidade e seus moradores e não somente os pontos turísticos, mas sim buscar uma imersão na realidade do país, ou o mais próximo disso.

Sobre a questão do estudante se sentir, “em casa”, um debate importante é sobre o acolhimento e a hospitalidade em que esse estudante é recebido, pois para que isso ocorra, ele precisa ser acolhido pelas pessoas locais; neste momento ocorre a expressão do real acolhimento a ser vivenciado; e também pela cidade ou país, tornando-se parte do todo e assim trocando as “experiências culturais”, e concluindo um dos maiores objetivos do intercâmbio.

Neste sentido, este trabalho, ainda em fase exploratória de pesquisa, conforme já afirmado, procura associar o sentido da prática do intercâmbio e seus desdobramentos na vida daqueles que o praticaram. Busca, além disto, as relações de hospitalidade e suas diversas formas de manifestação neste processo de trocas culturais entre aqueles que o praticam.

Referências Bibliográficas:

BARTELL, M. Internacionalização das Universidades: Uma universidade cultural baseou a estrutura. Instrução mais elevada. Manitoba, Winniepeg, 2003.

BARBOSA, Gustavo Egypto. **A cultura da hospitalidade como fundamento do bom relacionamento na hotelaria**. Dissertação (Mestrado em Administração), PUC-SP, São Paulo, 2007.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti (Coord.) **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Thomson, 2004.

EIRAS, Alicia de Lima. **Os intercâmbios institucionais entre alunos de graduação e sua importância nas políticas de regionalização universitária**. Artigo de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Campinas, 2008.

FALTERI, Paola. *Interculturalismo e culturas no plural*. In **FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: MOVER/NUP, 1998.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: MOVER/NUP, 1998.

GUERRA, Vanessa. **Explorando os processos subjetivos neste modo de se deslocar na pós-modernidade**. Trabalho de conclusão de curso de para obtenção de título de graduado em psicologia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2006.

KAFLE, Liliac Cacidoni. **A internacionalização do ensino superior e o caso da Universidade Anhembi Morumbi**. Trabalho de conclusão de curso de MBA. Universidade Anhembi Morumbi (UAM), 2007.

KNIGHT, J. *Internationalization of higher education: a conceptual framework*. Amsterdam: *European Association for International Education*, 1997.

LARA, Juan Gómez. *Lós productos humanos, instrumentos de cambio para la educación intercultural*. *Revista de investigación aplicada y experiencias educativas*, Madrid, n 8, 2003.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da Hospitalidade, perspectivas para um mundo globalizado**. (Org). Barueri SP: Manole, 2004.

MATHEUS, Zilda Maria. A idéia de uma cidade hospitaleira. In DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

MIURA, Irene Kazumi. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo em três áreas de conhecimento**. Tese (Livre docência em Administração). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEARP), 2006.

MOTA, Keila Cristina Nicolau. Turismo de Intercâmbio. IN NETTO, Alexandre Panosso: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Segmentação do mercado Turístico: Estudos, produtos e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2009.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e Migrações Internacionais: O bem receber e o ser bem recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.

SEBBEN, Andréa. **Intercâmbio Cultural – para entender e se apaixonar**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

_____, Andréa. **Intercâmbio Cultural – um guia de educação intercaultural para ser cidadão do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

SELWYN, Tom. Uma antropologia da hospitalidade. In LASHLEY, Conrad: MORRISON, Alison. **Em busca da Hospitalidade, perspectivas para um mundo globalizado**. (Org). Barueri SP: Manole, 2004.

SILVEIRA, Éder da Silva. **A contribuição de um projeto escolar para a educação intercultural: O “intercâmbio internacional estudantil Delta do Jacui/ Brasil e Mostazal/ Chile”**. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

Bases eletrônicas de dados

<http://www.belta.org.br/apresentacao.asp>. <acesso em 14 abril 2010>.

ⁱ Talita Segato Tamião. Bacharel em Turismo UAM - SP; Mestranda em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, UAM-SP. Este artigo é parte das análises em andamento na confecção da Dissertação: *Intercâmbio Estudantil Universitário e Acolhimento*, sob a orientação do Prof. Dr. Airton Cavenaghi. E-mail: talitasegato@gmail.com.